

Temporada 2022/2023 – Um Chão Comum

Orquestra

Grande Auditório

21h00

M/6 anos

14 jan
2023

Jovem Orquestra
Nacional de Espanha
Sinfonia n.º 3 *Heroica*
de Beethoven

CCB

Gioachino Rossini (1792–1868)Abertura da ópera *Guilherme Tell* (1824–1829)**Igor Stravinsky (1882–1971)***O Pássaro de Fogo*, Suíte para orquestra (1919)**Ludwig van Beethoven (1770–1827)**Sinfonia n.º 3 em Mi bemol maior, op. 55 *Heroica* (1803–1804)*Allegro con brio**Marcia funebre: Adagio assai**Scherzo: Allegro vivace. Trio**Finale: Allegro molto. Poco Andante. Presto***Jovem Orquestra Nacional de Espanha**Direção musical **Nuno Coelho****Jovem Orquestra Nacional de Espanha**

Primeiros Violinos

Judit Agulló Sandoval
Paula Angulo Ramírez
Pablo Ramón Araya Betancort
Pablo Cuenca Abad
Sergio García Jiménez
Jorge Génova Roldán
Mirian Jódar Gabarrón
Victoria Martínez Díaz
Manuel Merino Almazán
Isaac Pérez Rierra
Chiara Rollini¹
Fabiola Mercedes Saglimbeni
Montilba
Nuria Sánchez Pulido
Laura Torres Morales

Segundos Violinos

Pablo Albarracín Abellán
Carolina Fuentes Núñez
Andrea García García
Ana Lasoosa González
Gemma Montón Súper
Miriam Moñux Ugalde
Vasco Oliveira Simões Sequeira²
Sarah Orero Medina
Aldara Otero Fernández
Pablo Pardo Cervera
Cristina Sánchez de la Fuente
M^a Jesús Talero Andújar

Violas

Alberto Javier Cid Fernández
Nicolò Costantino¹
Nuria Inés Cruz García
Esther Gallego Lario
Eira Martínez Rivero
Carlos Nicolay Roldán
José Carlos Palmero Casanova
Marco Requena Carlucci
Raquel Roldán i Montserrat
Adriana Snape Bermejo

Violoncelos

M^a José Angulo Bravo
Ludovica Cordova¹
María Fernández Castillo
Ana María Gómez Peinado
Ayla Losada Lorenzo
María Millán Domínguez
Jairo Rodríguez Visuerte
Álvaro Vázquez Osa

Contrabaixos

Manuel Esparza Herrero
Olaya García Álvarez
Inés García Pinilla
Claudia Pérez Albuixech
Rafael Rodrigues Aguiar²
M^a de los Ángeles Ruiz Bolancé

Flautas

Carmen Galán Mora
Cristina Romero Boix

Oboés

Roger Borrás Bofarull
Marc García Payá
M^a Victoria Muñoz Zaragoza

Clarinetes
Xabier Gullón Elgarresta
José Serrano Campos

Fagotes
Pablo Castellanos Alloza
Anxo Fernández Arias

Trompas
Cristina Cortés Panyella
Paula Criado Patricio
Jesús Díez Gallego
Marta Isabella Montes Sanz

Trompetes
Javier Lasarte Puyuelo
Jaime Martín Rodríguez

Trombones Tenor
Alejandro Cantos Sánchez
Héctor Mora Cano

Trombone Baixo
Alberto Miquel Silla

Tuba
Ildelfonso Muñoz Ballester

Percussão
Manuel López Valero
Manuel Monterrubio Martín
Jorge Mora Molina
Xacobe Roca Cruz

Harpa
Ana Aguilar Pérez

Piano
Pablo García Valles

Diretora Assistente
Rita Castro Blanco

Músicos do programa de intercâmbio MusXchange da Federação Europeia de Orquestras Juvenis Nacionais (EFNYO):

¹ Orchestra Giovanile Italiana (OGI, Itália)

² Jovem Orquestra Portuguesa (JOP, Portugal)



Gioacchino Rossini
Pesaro, 29 de fevereiro de 1792
Paris, 13 novembro de 1868

Abertura da ópera *Guilherme Tell*
Composição: 1829
Estreia: Paris, 3 de agosto de 1829

A ópera *Guilherme Tell* é a última obra-mestra do catálogo dramático de Gioacchino Rossini, surgida num momento em que o músico, com apenas trinta e sete anos de idade, decidiu colocar um fim precoce e aparentemente incompreensível à sua bem-sucedida carreira dramática. A ópera, em quatro atos, foi composta sobre libreto de Étienne de Jouy e Hippolyte Bis, por sua vez inspirado no drama homónimo de Friedrich Schiller.

Ao contrário de outras famosas aberturas operáticas de Rossini, a Abertura de *Guilherme Tell* não emprega nenhum dos motivos melódicos da ópera, destacando-se como uma espécie de «poema sinfónico» autónomo que se singulariza pela plasticidade do discurso orquestral. Não obstante, a Abertura não deixa de anunciar a atmosfera bucólica que domina o primeiro ato, sugerindo, ao mesmo tempo, certos acontecimentos dramáticos bastante mais longínquos, como acontece, por exemplo, no *Andantino* final, em que os trompetes anunciam a chegada dos soldados suíços (cena final do terceiro ato).

Notas de Rui Cabral Lopes

(gentilmente cedidas pela Fundação Calouste Gulbenkian)

Igor Stravinsky

Oranienbaum, 17 de junho de 1882

Nova Iorque, 6 de abril de 1971

O Pássaro de Fogo

Composição: 1910

Estreia: Paris, 25 de junho de 1910

Nota: Neste concerto será interpretada a suíte orquestral d' *O Pássaro de Fogo* composta em 1919

O empresário russo Sergei Diaghilev (1872–1929) foi uma das pessoas mais importantes da primeira fase do Modernismo. Sob a sua direção, o bailado, a música, a cenografia e os figurinos foram integrados num espetáculo inovador. Antes de criar a companhia de bailado *Ballets russes*, Diaghilev destacou-se como divulgador musical em Paris, organizando concertos de música russa a partir de 1907. Em 1909, fundou a *Ballets russes* que, na fase inicial, incluía importantes bailarinos, coreógrafos, artistas plásticos e compositores russos. Assim, contribuiu para o lançamento da carreira internacional de personalidades como Mikhail Fokine, Vaslav Nijinsky, Leon Bakst ou Igor Stravinsky, que se fixaram em Paris, centro do Modernismo cosmopolita.

Nesse contexto, os *Ballets russes* apresentavam música considerada exótica, vinda de uma tradição periférica, conjugando-a com o sólido *métier* do bailado imperial russo. Em simultâneo, serviram de espaço de experimentação modernista nas diversas artes, cujos traços foram rapidamente incorporados na vida quotidiana. Por exemplo, os figurinos de Bakst inspiraram a moda da época, em especial através do costureiro Paul Poiret. Posteriormente, a companhia contou com a colaboração de músicos como Debussy, Falla, Satie ou Ravel. Um aspeto central na primeira fase dos *Ballets russes* foi a colaboração assídua com Stravinsky. O jovem Stravinsky foi descoberto num concerto em São Petersburgo por Diaghilev, que lhe encomendou um bailado. Essa ligação foi de tal forma importante que as primeiras obras do compositor a obter notoriedade internacional foram as encomendas dos bailados *O Pássaro de Fogo* (1910), *Pétroushka* (1911) e *A Sagração da Primavera* (1913).

O Pássaro de Fogo foi o primeiro bailado de Stravinsky e a sua estreia teve lugar na Ópera de Paris a 25 de junho de 1910. A coreografia é da autoria de Fokine, que protagonizou a estreia, contracenando com Tamara Karsavina. O argumento é inspirado em contos tradicionais russos, com referências ao maravilhoso eslavo. O Príncipe Ivan Tsarevich perde-se enquanto caçava e penetra no jardim mágico de Katschei, o Imortal. Katschei é um vilão do imaginário eslavo associado ao

rapto e à captura de diversas criaturas. Essa atmosfera sobrenatural é sublinhada por um *ostinato* angular nas cordas graves. No jardim de Katschei, o príncipe encontra o Pássaro de Fogo, um animal mágico, papel desempenhado pela protagonista feminina. Ivan apanha o pássaro e recebe uma pena deste após tê-lo libertado. Essa pena permitia ao príncipe invocar a criatura mágica se precisasse de auxílio. A perseguição é sublinhada pela vivacidade e leveza da escrita, que recorre a melodias ondeantes e a trilos. Na madrugada seguinte, Ivan encontra um castelo do qual saíram treze princesas que dançam e brincam com maçãs douradas vindas de uma árvore do jardim. Nessa passagem pontifica uma atmosfera bucólica, traduzida no melodismo evocativo da canção tradicional. As princesas revelam que o castelo pertence a Katschei, que as tem presas com um encantamento, e que os cavaleiros que as tentaram salvar foram transformados em pedra e a sua alma guardada por Katschei. Durante uma dança de roda, Ivan e a princesa Vasilisa apaixonam-se. Entrado o príncipe no castelo, soa um carrilhão mágico e Katschei aparece. O príncipe invoca o Pássaro de Fogo com a pluma, e este lança um feitiço sobre Katschei e os seus servos, fazendo-os dançar até à exaustão. A complexidade rítmica e a intensidade da cena são contrapostas à simplicidade de uma canção de embalar para Katschei. O Pássaro conduz o príncipe até ao local onde a alma de Katschei está guardada. Ivan destrói o ovo, matando a criatura. O bailado termina com uma visão do mundo após a destruição de Katschei, com as princesas e os cavaleiros livres, numa apoteose de cor orquestral que mistura diversos elementos previamente expostos.

Em *O Pássaro de Fogo* o jovem Stravinsky misturou técnicas de compositores como Rimsky-Korsakov, Debussy e Scriabin. O recurso a um conto tradicional, a uma orquestração colorida que contribui para a caracterização dos personagens e a melodias diatónicas que remetem para o universo da música tradicional russa poderiam situar o bailado no tardo-Romantismo. Contudo, a utilização de *ostinati*, o cromatismo associado a personagens do fantástico e a fragmentação dos motivos apontam para uma expansão da retórica musical da época. Com o sucesso do bailado, Stravinsky extrairia alguns dos seus momentos, proporcionando à obra uma maior circulação. Assim, compôs suítes orquestrais baseadas no bailado *O Pássaro de Fogo* em 1911, em 1919 e em 1945.

Notas de João Silva

(gentilmente cedidas pelo autor e pela Fundação Calouste Gulbenkian)

Ludwig van Beethoven

Bona, 17 de dezembro de 1770

Viena, 26 de março de 1827

Sinfonia n.º 3 em Mi bemol maior, op. 55 *Heroica*

Composição: 1803-1804

Estreia: Viena, 7 de abril de 1805

Na primeira publicação da Terceira Sinfonia de Beethoven lê-se a inscrição «Sinfonia Eroica composta per festeggiare il sovvenire di un grand Uomo» («Uma sinfonia heroica composta para celebrar a memória de um grande homem»). Era intenção inicial do compositor dedicar a obra a Napoleão Bonaparte, mas acabou por não o fazer. Ainda assim, trata-se de um verdadeiro manifesto sinfónico, uma obra à medida da ambição de Beethoven. Em matéria de música, representa um momento de viragem do Classicismo para o Romantismo.

A respeito da *Sinfonia Heroica* é comum questionarmo-nos se ela esconde alguma narrativa. Ainda que tal aconteça, nunca será algo semelhante à *Sinfonia Pastoral*, de que se conhecem referências literárias explícitas para cada um dos andamentos. A Terceira Sinfonia de Beethoven não corresponde a um encadeamento linear de ilustrações. Expressa, acima de tudo, emoções, estados de espírito. Não se baseia, portanto, na biografia do imperador. Evoca, porém, a concepção idealizada de um grande líder republicano e reformista numa época em que se questionava na Alemanha as monarquias conservadoras. Assim, dispõe-se numa série de estados de espírito contrastantes, sem sacrifício da unidade e da consistência discursiva. Os dois andamentos iniciais não levantam dificuldades à associação de um herói idealizado. Fechando os olhos, o primeiro permite identificar as ideias de força, nobreza, mistério e esperança. O segundo andamento propicia uma escuta fantástica, próxima de enredos cinematográficos imersos na comoção da morte. Traduz uma ambiência trágica em tom de homenagem a um grande homem desaparecido, à sua glória. É uma procissão lenta, profundamente sentida. Já do terceiro andamento, não se pode dizer o mesmo. Apresenta uma escrita repleta de contrastes, uma ambiência desperta, jovial. Trata-se de um *Scherzo*, o formato musical que, também em ritmo ternário, veio substituir a cadência dançável do «velho» minuetto. Deste modo, confere uma dimensão humana à figura do herói, remetendo para aspetos mais prosaicos da sua existência. O último andamento conduz-nos, passo a passo, por uma sequência de variações instrumentais até uma conclusão triunfante; a apoteose do herói. A *Heroica* não conta uma história. Traduz um caráter idealizado. É um imenso retrato musical.

Notas de Rui Campos Leitão

(gentilmente cedidas pela Metropolitana)



© ASESTILO Fotografia



Nuno Coelho © Andrej Grlic

Nuno Coelho Direção musical

Na temporada 2022-23, Nuno Coelho começou o seu trabalho como maestro principal e diretor artístico da Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias. Iniciou também o seu quinto ano como maestro convidado da Orquestra Gulbenkian com uma produção de *Don Giovanni* de Mozart seguindo a obra de José Saramago *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido*, a propósito da comemoração do centenário nascimento do escritor. Outros destaques incluem a sua estreia com a Royal Concertgebouw Orchestra, a Filarmónica de Tampere e a Sinfonieorchester St Gallen; o seu regresso à Sinfónica de Antuérpia e à Orquestra Sinfónica de Tenerife; e uma digressão com a Jovem Orquestra Nacional de Espanha. Na última temporada, Nuno estreou-se com a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica de Dresden, a Staatsorchester Hannover e a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo, as Orquestras Sinfónicas de Gävle e Malmö, a HET Residentie Orkest, a Orquestra Filarmónica de Estrasburgo e a Orquestra Nacional de Lille, e estende a sua já longa relação com a Orquestra Sinfónica da Galiza e com a Orquestra Sinfónica de Barcelona. Em março de 2022, dirigiu uma produção semi-encenada de *Così fan tutte* na Gulbenkian, expandindo o seu repertório operático para incluir produções de *La Traviata*, *Cavalleria rusticana*, *Rusalka*, *O Diário de Anne Frank* e *Os Sete Pecados Mortais*, entre outras. Ganhou o Primeiro Prémio no Concurso Internacional de Direção Cadaqués em 2017 e desde então tem dirigido a Orquestra

Filarmónica Real de Liverpool, a Orquestra Filarmónica da BBC, a Orquestra Sinfónica de Hamburgo, a Orquestra Sinfónica de Castilha e Leão, a Noord Nederlands Orkest e a Orquestra Teatro Regio Torino. Em 2018-19 foi galardoado com a Dudamel Fellowship com a Orquestra Filarmónica de Los Angeles e na mesma temporada estreou-se com a Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks, substituindo Bernard Haitink no pódio. Nascido no Porto, estudou Direção de Orquestra na Universidade das Artes de Zurique com Johannes Schlaefli e ganhou o Prémio Neeme Järvi no Festival Gstaad Menuhin. Em 2015, foi admitido no Dirigentenforum do Conselho de Música Alemão e durante os dois anos seguintes recebeu a bolsa de Tanglewood para direção e foi maestro assistente da Orquestra Filarmónica dos Países Baixos. Ocupa o seu tempo livre com literatura e ténis.

Jovem Orquestra Nacional de Espanha

A Jovem Orquestra Nacional de Espanha (JONDE), pertencente ao Instituto Nacional de las Artes Escénicas y de la Música (Ministério da Cultura e do Desporto de Espanha), foi criada em 1983 com o objetivo de formar músicos espanhóis ao mais alto nível na fase anterior ao exercício da sua profissão. O seu principal objetivo é o aperfeiçoamento profissional e artístico dos seus músicos através do estudo e prática do repertório sinfónico e de câmara, através da celebração de vários Encontros anuais. Estes Encontros são orientados por professores e dirigidos por maestros

de reconhecido prestígio nacional e internacional, e culminam em digressões de concertos, participação em vários projetos e a gravação de um já extenso catálogo de CD e DVD. A JONDE teve como maestros convidados C. M. Giulini, V. Petrenko, G. Nosedá, Ch. Hogwood, F. Biondi, J. L. López-Cobos, C. Mena, J. Pons, A. Ros Marbá, R. Frühbeck de Burgos, A. Zedda, G. Pichler, L. Köhler, C. Halffter, K. Penderecki, entre outros, e colaborou com solistas como Mstislav Rostropovich, John Williams, Teresa Berganza, Juan Diego Flórez, Manuel Blanco, María Bayo. Halffter, K. Penderecki, entre outros, e colaborou com solistas tais como Mstislav Rostropovich, John Williams, Teresa Berganza, Juan Diego Flórez, Manuel Blanco, María Bayo, Pablo Sainz Villegas, Rafael Orozco ou Asier Polo, entre outros. A JONDE atuou em vários auditórios e festivais espanhóis (Santander, Granada e Cuenca) e nas temporadas da Orquestra Nacional de Espanha, da Orquestra Sinfónica de Barcelona e da Orquestra Filarmónica de Gran Canaria. A JONDE visitou a Bélgica, França, Alemanha, Itália, Reino Unido, Áustria, Portugal, Luxemburgo, Países Baixos, Rússia, Ucrânia, Estónia, Roménia, Hungria, Estados Unidos, Venezuela e a República Dominicana, atuando em salas de concertos como o Carnegie Hall, o Royal Albert Hall, o Concertgebouw em Amesterdão, o Théâtre des Champs Élysées, a Philharmonie e Konzerthaus am Gendarmenmarkt em Berlim, a Filarmónica de São Petersburgo, a Rádio Kulturhaus em Viena e o Ateneu Romeno em Bucareste. A JONDE foi também convidada para festivais internacionais no Reino Unido,

Alemanha, França e Venezuela. Ao longo da sua trajetória, a JONDE desenvolveu vários projetos complementares à sua atividade principal, tais como as Academias de Música Barroca ou Música Contemporânea, a figura do Compositor em Residência, a encomenda de obras a jovens compositores através da Fundação SGAE e da Associação Espanhola de Orquestras Sinfónicas (AEOS), e a participação em programas de intercâmbio para músicos, especialmente através da Federação Europeia de Orquestras Juvenis Nacionais (EFNYO) e do Sistema Hispano-Americano de Orquestras Juvenis (Programa Iberorquestas). Os seus diretores artísticos foram Edmon Colomer (1983-1995), Llorenç Caballero (1996-2000) e José Luis Turina (2001-2019). Desde 2020, a diretora artística da JONDE é a violinista e pedagoga espanhola Ana Comesaña.

EQUIPA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Direção artística

Ana Comesaña Kotliarskaya
Manager

Mireya de Mazarredo Pampló
Coordenação artística

Saulo Muñiz Schwochert
Coordenação de comunicação

Isabel Imaz Vargas
Produção técnica **Romance Martín**

Delgado, Emilio Romero Blanca
Departamento académico **Angelo H. Chiu**

Lee, Andrea Ceballos Martín
Coordenação em digressão

Belén Franco Rubio
Arquivo musical **Ainhoa Lucas de la Encina**
Administração **Susana López Pérez, Sara Martínez García**

Colaboradores temporários **Gabriela Gomes Viñuela, Pedro Téllez Cámara**

JÁ A SEGUIR:

Orquestra

29 janeiro 2023

Orquestra Metropolitana de Lisboa

El Amor Brujo de Falla

Grande Auditório, 17h00, M/6 anos

Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana

Da música de *El Amor Brujo*, de Falla, irrompe a poesia e a força que de imediato associamos ao flamenco. Na origem, pertence a um bailado de 1915 baseado numa lenda popular. Recuando desde a ficção até à realidade, este programa abre com a obra que Luís Tinoco compôs em 1998 para despertar a atenção mediática sobre a situação em Timor-Leste, quatro anos antes do fim da ocupação da Indonésia. Pelo meio, temos a oportunidade de assistir a uma das últimas criações de Richard Strauss, o Concerto para Oboé.

Direção musical e oboé de Lucas Macías Navarro

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2022/2023



COFINANCIADO POR

